

AS PERSONAGENS FEMININAS DO ROMANCE “RUA DO SIRIRI” DE AMANDO FONTES

SANTOS, Leide Diana Correia.

dianinha4@hotmail.com

LEITE, Tânia Regina Carvalho Santos.(Orientadora)

Graduada em Letras-Português/Inglês, Mestre em Comunicação Social, Prof^a do curso
Letras-Português/ Inglês da Universidade Tiradentes-UNIT.

taniaregina65@hotmail.com

RESUMO

Este artigo discute o papel das personagens femininas do romance “Rua do Siriri” do autor Amando Fontes, que retratou, através da obra, o perfil da mulher cortesã na sociedade sergipana. Desta forma, tornou-se imprescindível analisar minuciosamente o contexto histórico e literário em que está inserido o romance, análise introspectiva da obra, prostituição x sociedade ressaltando o tratamento dado às mulheres prostitutas na visão do autor, as relações entre as personagens visando interpretar o comportamento destas mulheres diante as convenções sociais, tendo como suporte uma visão literária da realidade, desvendando e discutindo como ponto fundamental o drama das personagens femininas na obra.

PALAVRAS-CHAVES: personagens femininas, romance e sociedade.

INTRODUÇÃO

A análise de uma obra literária pode ser feita a partir de três ângulos: o estrutural, o temático e o lingüístico. Quaisquer que sejam as idéias esboçadas, inevitavelmente, mergulharão no cerne destes elementos de forma coletiva ou individual.

A proposta deste artigo é analisar, num ângulo mais abrangente possível, as nuances presentes das personagens femininas que protagonizam o romance “Rua do Siriri”, do sergipano Amando Fontes. As personagens têm pontos de aproximação e distanciamento, distribuídos nos campos psicológico e social. Inevitável será a análise estrutural da construção de cada personagem, mas sem a preocupação de classificar como redonda ou plana, esférica ou linear. Haverá sim uma aproximação maior com as caracterizações, nessa relação personagem x meio social.

A escolha do tema recai sobre as personagens feminina do romance “Rua do Siriri”, por representar com determinismo histórias de vida ambientada no tempo contemporâneo do autor, e pelo excelente trabalho, deste, em fazer uso de uma técnica narrativa, bem elaborada como o discurso direto, empregado nas falas das personagens, como modo caracterizador, recurso que desvenda maior agilidade ao texto.

Dáí, focalizar o neo-realismo, período literário que tem como propósito relatar o homem a partir da observação do seu meio ambiente e de seus costumes, preocupando-se com o momento presente e com o nacionalismo e o passado histórico faz da literatura um instrumento de denúncia social.

Os personagens do romance neo-realista representam artisticamente os problemas concretos desse tempo, e renovam a arte ao focalizarem o cotidiano, fatos que não são somente literários, mas fatos de vida, passam a ser muito parecido com pessoas comuns e

representam sempre uma classe social. As atividades e o comportamento desses personagens e acontecimentos ocorridos são sempre explicados de maneira objetiva e racional de uma determinada realidade.

Por isso, entende-se como primordial o estudo do romance de Amando Fontes para compreender o mundo das personagens femininas da “Rua do Siriri” no contexto da sociedade aracajuana das décadas iniciais do séc. XX.

Estas reflexões, aqui indicadas e decorrentes de leitura sobre o tema, que retrata, o início de uma sociedade urbanizada, fato este relevante para compreender as questões sociais e econômicas em que vivia determinada população. Daí, visualizar a posição das prostitutas no contexto da formação da sociedade aracajuana. Visto que no romance, há uma descrição semelhante de como cada uma das personagens chegou àquele local.

A realização desse artigo justifica-se pelo fato da literatura, ser dentre de todas as áreas do curso, a de mais afinidade e maior domínio de conteúdo. E também pela obra mencionada ser o retrato do meio social da região, onde através dela o leitor pode conhecer o processo da formação da sociedade sergipana, de forma a buscar a conscientização da literatura, seja incentivando não só apenas aos estudantes, professores do curso, mas a outras comunidades leitoras. Visto que a literatura permeia em todas as disciplinas com amplo valor. Assim, fica evidente o quanto à literatura sergipana tem muito a desenvolver e trilhar caminho principalmente entre aqueles que se comprometem com a cultura e a sociedade de forma em geral.

Nos procedimentos metodológicos deste artigo foram utilizados os métodos exploratório, descritivo e explicativo. Iniciando-se pelo levantamento bibliográfico, o qual possibilita o entendimento, a respeito dos aspectos relacionados ao escritor e a obra. Além

disso, foi utilizada a estratégia de investigação científica a partir de fontes de referências concernentes o início do séc. XX no Brasil e em Sergipe.

1- O CONTEXTO HISTÓRICO E LITERÁRIO DO ROMANCE DE 30

Diante das transformações vividas pelo país com a revolução de 1930, chefiada por Getúlio Vargas, que representou momentaneamente a aliança entre as classes médias urbanas, os tenentes e as oligarquias rurais marginalizadas pela política governamental de apoio a burguesia cafeeira, e o consequente questionamento das tradicionais oligarquias, os efeitos da crise econômica mundial, os choques ideológicos no qual o Brasil passava pelo ingresso industrial, bem como o fracasso do ciclo do algodão, a seca e a consequente guerra de Canudos e as terras do famoso Contestado, refletiram a situação crítica do Nordeste marginalizado e, portanto, aderente a soluções arcaicas.

O Brasil crescia à custa de graves desequilíbrios, passava pelo momento de urbanização e a vinda de imigrantes europeus que paralelamente ampliou a marginalização dos escravos em diversas áreas do país. Em consequência, ocorreu um engrossamento nas fileiras da pequena classe média, da classe operária e do subproletariado. Neste cenário, Sergipe era o quarto estado do Nordeste em número de operários e de fábricas, e os sindicatos que se organizavam contando com a proteção do interventor, nem sempre cumpriam seu papel, pois toda oposição era reprimida. Tempo esse difícil para a situação do proletariado e das camadas urbanas, que viviam em condição extrema de miséria e submissão.

Nas artes, o intelectual brasileiro em fevereiro de 1922, eclodiu um outro tipo de rebelião: a Semana de Arte Moderna que provocou enorme impacto na provinciana vida cultural de São Paulo, abrindo caminho para a transformação do gosto estético que se

verificaria nos anos seguintes em todo o país voltando-se para uma linguagem mais adequada à realidade e as tradições culturais da sociedade brasileira.

A partir de 1928 a valorização cultural deu origem a uma outra vertente do Modernismo: o regionalismo, literatura que se produziu na década de trinta no Brasil e que, basicamente gravitou na difícil realidade brasileira gerada pela ditadura que se instalou no país a partir de outubro de 1930, com ascensão de Getúlio Vargas ao poder. Assim, cada autor passou a refletir sobre essa época de agonia à sua maneira. Trata-se de uma literatura que reflete problemas sociais marcantes do momento em que os romances foram escritos.

Nota-se que esses escritores entenderam que a sociedade tinha de ser objeto de reflexão, e eles, criadores, deviam colocar no papel, com mais contundência do que havia sido feito até esse momento, os problemas vividos pelo povo brasileiro. Eles tomam por tema a realidade das várias regiões geoeconômicas do nosso país, criticam a conciliação do velho com o novo, criticam as forças sociais, criticam as infra-estruturas materiais econômicas, e a sua conseqüente moral. Criticam enfim, com mais nitidez, as relações sociais do processo capitalista brasileiro.

Certamente, pode-se afirmar que o escritor Amando Fontes, embora sendo paulista de Santos, vivenciou toda sua infância e adolescência em Aracaju, de onde sua família oriunda. Anos mais tarde passou a exercer um cargo de função política do estado, contato que lhe deu agudo poder. Tempo depois, Amando Fontes, seguiu para Minas Gerais onde exerceu um cargo público menos comprometedor, fato que lhe permitiu acentuar as tendências para letras.

Assim, mediante a Revolução de 30, Amando Fontes passou a dedicar a composição freada dos “Corumbas”, seu primeiro livro publicado em 1933, reconhecido pela crítica, que lhe deu agudo poder de incluir no grupo de romancista nordestino e sergipano. Nos meados de

1937, passa a escrever “Rua do Siriri”, publicado em fins do mesmo ano, numa espécie de continuação do primeiro, só com uma temática mais definida, a prostituição, com que é vivenciada por cada personagem feminina. Este último é referente ao propósito deste artigo.

Do ponto de vista artístico, o período literário do romance de 30, considerado pelos críticos como romance regionalista delimitou ainda mais as questões de ordem sociológica do país, uma série de escritores dessa época chamados de neo-realista, como: Jorge Amado, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, José Américo de Almeida, este último, que assim como Amando Fontes foi autor de poucas obras. Esses escritores passaram a focar na prosa literária as preocupações locais, mas sempre se voltando para o interior da personagem como aponta Massaud Moisés.

No decênio de 30, ainda produz obra digna de registro uma série de escritores genericamente identificados pela tendência à análise introspectiva. (...) preconizando um conceito de arte desinteressada, ou engajada em direção oposta à ideologia revolucionária ostensiva ou subjacente na obra dum Jorge Amado ou dum Amando Fontes, inclinam-se mais para mais para o equacionamento dos problemas subjetivos que da coletividade, mais para sondagem psicológica que a descrição de exterioridade... (MOISÉS, 1996, p.245).

Coube aos romancistas de 30, registrar em nossa literatura a nova estética, revelando, no seu histórico, uma adesão profunda aos problemas de nossa terra e as particularidades de cada região. Interessa aqui o escritor neo-realista, Amando Fontes e sua obra “Rua do Siriri”. Nesse romance, Amando Fontes, espontaneamente, deixa nítido que o interesse do autor está voltado, mais para a mostragem dos fatos, hábitos, que visam provar a dependência do homem à fatalidade das leis naturais que à descrição dos implicados na trama. Essa obra nos revela um determinismo de cunho racionalista que vincula às modas do Naturalismo.

Em termos de linguagem crítica, paradoxalmente, Massaud Moisés, em seu livro “História da literatura brasileira”, faz uma referência ao autor Amando Fontes e sua obras:

Paradoxalmente, o autor desenvolve no romance seguinte e último (Rua do Siriri, 1937) a faceta mais saliente dos (sic) Corumbas –a prostituição -, o que é uma redundância, perfeitamente desnecessária e comprometedora de seu poder inventivo e de seu provável intuito denunciatório. Nem mesmo o concentra-se no dia-a-dia das rameiras, apenas sugerido no romance inicial por intermédio das filhas do casal de retirantes, (...) E como não

se bastasse, Rua do Siriri contém o lugar comum, perenemente cinzento, cansativamente repetido (...), do viver miserável das mulheres da vida em Aracaju, igual ao de quaisquer outras pelo mundo fora.(MOISÉS, 1996, p.187-188).

Em relação ao romance de 30, Gonzaga, faz um comentário ao autor Amando Fontes e sua última obra publicada “Rua do Siriri”, citando também uma anotação de Mário de Andrade.

Seu outro romance importante, Rua do Siriri, fixa em técnica naturalista, o drama da prostituição. Dele, disse Mário de Andrade: “Meu Deus! A gente chega ficar com falta de ar, assim, vendo essa gatinha miúda sofrer miudinho, dia por dia, passo a passo (...)” É uma espécie de painel no universo das prostitutas, feito minuciosamente, onde nenhum detalhe a respeito de um cotidiano, até agora então, ignorado pelos narradores brasileiros. (GONZAGA apud. SANTOS, 2001 p.30).

Observa-se, assim, um desejo intenso de pesquisar a realidade social, espiritual e cultural que transformou tanto as artes plásticas quanto na literatura. É nesse contexto que o realismo, corrente literária anterior ao modernismo, fundamentava nas questões científicas e filosóficas, que buscava atender às necessidades imposta pelo contexto social e histórico da época. Nesse mesmo período, houve o surgimento de uma outra tendência, a Naturalista, o que limitou o Realismo ficcionista literário inicie do caráter das personagens, e os motivos humanos dominam a ação retratando e interpretando a vida contemporânea conforme aponta Afrânio Coutinho:

(...) Sua preocupação é com homens e mulheres, emoções e temperamentos, sucessos e fracassos da vida do momento. Esse senso de contemporâneo é essencial ao temperamento realista, do mesmo modo que o romântico se volta para o passado ou para o futuro. Ele encara o presente, nas minas, nos cortiços, nas cidades, nas fábricas, na política, nos negócios, nas relações conjugais, etc. Qualquer motivo de conflito do homem com seu ambiente ou circunstâncias é assunto para o realista. (COUTINHO, 2004, p.10)

Segundo o autor, a palavra Naturalismo, em literatura é a teoria de que a arte deve conformar-se com a natureza, utilizando-se dos fatos e das personagens. Daí uma visão mais determinista da realidade, observando o homem por meio do método científico, impessoal e objetivamente, como um caso a ser analisado. Inclusive os aspectos bestiais e repulsivos da vida, dando preferência às camadas mais baixas da sociedade. E pelo método documental, no

uso da linguagem simples, direta, natural, coloquial, mesmo vulgar, e dos dialetos das ciências e das profissões.

O Naturalismo cronologicamente posterior ao realismo, atendendo uma visão exagerada do movimento realista buscava apoio na ciência para a visão pessimista da realidade, principalmente no que se diz respeito aos aspectos patológicos, anormais, conduzindo ao obscuro, reconhecendo um desejo humanitário de mudar as condições de existência social.

Neste sentido, a obra não pode ser analisada fora do contexto social, pois ela é lugar de contradições e conflitos. Dessa forma, compreender o contexto histórico aliado às peculiaridades de cada personagem do romance “Rua do Siriri”. Partindo pelo caminho da análise exaustiva das personagens literárias do romance “Rua do Siriri”, pretende-se chegar à compreensão da prosa registrada nos chamados romances de 30.

No que se refere ao papel da personagem, de acordo com Cândido (1998), a personagem no romance está diretamente ligada ao enredo, já que a ação das personagens é que constitui a trama, e desse desenrolar dos fatos é que a personagem adquire significado e valor que se limitam na duração do tempo e em determinadas condições de ambiente, vivido no contexto do romance.

Segundo o autor, uma criação literária, a personagem é um ser fictício, que muitas vezes adquire um pleno significado no romance, dando a impressão de verossimilhança aos fatos, embora se sabe que a construção estrutural é o maior responsável pela eficácia e a força que a personagem executa no romance é antes de tudo uma relação entre o ser real e o ser fictício, manifestado através da personagem, que exerce a concretização deste.

Cândido, afirma ainda que a abordagem com que é elaborada a personagem no romance, mesmo que coordenada por orações e frases que caracterizam suas falas, gestos, e

todo jogo de imagem desde dos aspectos físicos e psicológicos constitui uma maneira fragmentada, já que pré-estabelecida pelo seu criador.

A nossa interpretação dos seres vivos é mais fluida, variando de acordo com o tempo ou as condições da conduta. No romance podemos variar relativamente a nossa interpretação da personagem, mas o escritor lhe deu desde da linha e a natureza do seu modo de ser. Daí ser ela relativamente mais lógica, mais fixa do que nós. (CÂNDIDO, 1998, p.58-59).

Uma obra literária como o romance muitas vezes leva o leitor, associar as personagens as seres humanos, numa ação que se possa comparar a estas ao que se conhece da vida levando em conta essa questão: A personagem deve dá impressão do que vive, de que é como um ser vivo? Poderia, então a personagem ser transplantada da realidade, para que o autor atingisse esse alvo? Em outras palavras, pode-se copiar no romance um ser vivo e, assim, aproveitar integralmente a sua realidade? Em resposta a essa questão aponta Antônio Cândido:

Por isso, quando toma um modelo na realidade, o autor sempre acrescenta a ele, no plano psicológico, a sua incógnita pessoal, graças à qual procura revelar a incógnita da pessoa copiada. Noutras palavras, o autor é obrigado a construir uma explicação que não corresponde ao mistério da pessoa viva, mas que é uma interpretação deste mistério; interpretação que elabora com sua capacidade de clarividência e com a onisciência do criador, soberanamente exercida... (Idem, p.65).

Citando ainda Antônio Cândido, com o propósito de responder a pergunta de que maneira a personagem é inventada para manipular a realidade e construir a ficção? A resposta surge como muito a questionar, já que a ação das personagens é desvendada pelo romancista, pois no mundo fictício, as personagens obedecem a uma lei própria. Essas têm contorno definido são mais nítidas e mais conscientes obviamente diferente do caos da vida, de modo que há nelas uma lógica pré-estabelecida pelo autor, que as torna paradigmas e eficazes.

Em relação ao processo de elaboração da personagem a um questionamento que se deixa muito a desejar. Será que o papel sofrido pela personagem depende em parte das intenções do romancista e da concepção que preside o romance? Ou será um problema dos aspectos das coerências internas com as externas. Nessa perspectiva de acordo com Cândido,

o papel da personagem não depende apenas, da relação com o mundo real, seguindo modelo propostos pela observação, seja interior ou exterior, direta ou indireta, presente ou passada. Depende, antes do mais da função que exerce na estrutura do romance, de modo a concluir que é mais um problema de organização interna que de equivalência à realidade exterior.

Assim para o enriquecimento dos dados analisados do romance, torna-se a principal fonte de utilização, desde do estilo literário empregado pelo autor à elaboração de seus personagens como informações imprescindíveis a análise dos fatos.

2- ANÁLISE INTROSPECTIVA DA OBRA

A “Rua do Siriri” narra a história das cortesãs Mariana e suas companheiras que foram intimadas a se retirarem do centro da cidade e se transferirem para a Rua do Siriri, local onde transcorre o penoso cotidiano das prostitutas.

Esmeralda lê a notícia publicada no diário oficial para suas amigas e imediatamente todas entram em pânico. Tita, uma esguia sarará, muito moça ainda, com rosto sem expressão, mas que se distinguia pelas formas ressaltantes e rijas de seu corpo, reivindica os seus direitos, pois sabia que se isso acontecesse à miséria iria afligir as suas vidas. Esmeralda, com seu sorriso de motejo, que em geral acompanhava tudo quanto lhe saía da boca quando se sentia contrariada declara para ela que mulher-dama, não tinha direitos naquela sociedade.

Depois de muito relutarem, arrumam os pertences e seguem em rumo para o local destinado a rua do Siriri, um lugar deserto, afastado dos fregueses o que lhes apenas restavam só esperar.

Para uma análise literária narrativa, as técnicas estruturais que compõe as ações da obra é essencial para o devido conhecimento e aprofundamento da obra. Nesse sentido torna-

se primordial analisar: a narração, a ação, o tempo, o ambiente, o tema, as personagens, a interpretação do romance.

A técnica narrativa é composta de um narrador onisciente que, embora não participa da história, conhece os temperamentos mais internos das personagens, tendo como ponto característico à observação dos detalhes exterior e interior, sendo o narrador infiel, pois irá através da ficção convencer o leitor a compreender que as ações das personagens são reais.

Na ação ou no enredo, os fatos ocorrem em torno da história da prostituta Mariana e das companheiras com os componentes de um romance regionalista: cortesãs depravadas, homens galanteadores e vilões, a luta das mulheres pela sobrevivência.

Num romance a ação se concretiza através da simultaneidade dramática dos fatos, pois a cada personagem apresentada há uma demonstração dos acontecimentos um tipo efeito causa numa explicação de como essas mulheres passaram a exercerem o papel de cortesã.

Um exemplo nítido são os episódios selecionados pelo autor transparecendo uma realidade social interligada no romance, visto que o núcleo central concentra no cotidiano em que vive Mariana e suas companheiras, numa individualidade entre o passado e o presente próprio das mulheres-dama.

No romance em estudo, o tempo no sentido de época, retrata o início do século XX, na cidade de Aracaju, no período da organização política do proletariado, da sociedade urbana e industrial, da democracia liberal e da consolidação dos estados modernos.

Em relação ao tempo narrativo cronológico do romance, ocorre numa seqüência de ordem, sendo marcado por horas, dias, meses e até mesmo a presença das estações do ano como pode ser observando nessa passagem do romance: “Uma se levantava às sete horas; outra, depois, e havia ainda as que só deixavam o quarto muito tarde, com o sol já quase a pino. Tudo dependia de haver sido mais, ou menos procurada” (FONTES, 1937, p.21).

Numa outra passagem observa-se: “Tarde de domingo. Raros passantes pelas ruas, um sol forte de verão, encastado num céu escampo, muito azul, dava a terra aquele calor que retinha os homens e mulheres em casa, cheios de modorra e de preguiça”. (idem, p.22)

Porém, há momento em que o tempo retrocede em tipo “flash-back”, quando as personagens recordam o passado, contando a infância e a conseqüente causa que a fez cair no mundo da prostituição. “Se a mulher compreendesse o seu valor, olhava sempre para o homem com desdém... amei pra nunca mais amar na minha vida, abandonei meus pais e vivo aqui... PERDIDA!...” (idem, p.93).

O romance urbano e regionalista de Amando Fontes é basicamente ambientado na cidade de Aracaju, sempre fazendo referências às ruas, ao bairro, às festas populares e à população. “Comprida, tortuosa, ora larga, ora estreita, a Rua do Siriri se estendia desde o Alto de S.Cristóvão até a Avenida Barão de Maruim” (idem, p.11). Em outra passagem: “Pois bem, numa noite de São João deram uma dança bem perto de lá de casa” (idem, p.37).

O tema de “Rua do Siriri” refere-se à questão da prostituição, retratado na obra literária na visão do escritor Amando Fontes desvendado através das personagens femininas no início das primeiras décadas do séc. XX a posição da mulher prostituta na sociedade sergipana.

Na perspectiva de analisar as personagens da obra, trabalho amplamente minucioso, já que são elas que determinam a ação, porém não há personagem sem ação, o que justifica o quanto esta e outros elementos literários têm sua devida função nas partes que se constrói estruturalmente uma obra . Partindo do ponto de vista do caráter das personagens femininas do romance analisa-se:

Mariana –representa a mulher-dama com o papel de companheira e o de mãe.

Esmeralda –banca a mulher-dama: irônica, zombadeira com visão pessimista.

Angelina–concebe o papel da cortesã caprichosa, sedutora e mais assediada.

Djanira–representa a cortesã depravada.

Tita–representa a cortesã ingênua.

Pequena–concebe o papel da mulher-dama excêntrica.

Rosa–representa a cortesã com princípios religiosos.

Nenen–concebe o papel da prostituta vergonhosa

Belisana–concebe a cortesã com princípios conjugal

Almerinda–representa o papel da mulher-dama velha.

Madalena–concebe a cortesã religiosa.

Branca–representa a prostituta induzida.

Em relação aos outros personagens como: Sá Inacia, Frazão, coronel Belo, S. Pedro, Calu, Gregório, Crispim, Manuel Pedro, Nozinho, Dioclécio e etc. Exerce o papel de personagens secundárias. Visto que os personagens primários do romance “Rua do Siriri” vivem através das ações e das palavras sua missão de desenvolver a narrativa, é seres que se caracterizam por comportamentos humanos, identificando-se com a realidade social.

O retrato da situação social no Aracaju no início do séc. XX revela os padrões de conduta e os valores de uma sociedade em transformação, movida, sobretudo, pela influência do meio na formação do comportamento humano, dando ênfase às fatalidades dos fatos que levam as personagens a praticar atos desesperadores, e a conseqüente necessidade de sobrevivência e a submissão aos homens, tendo como solução à venda do corpo. Nessa perspectiva as personagens são determinadas pelo confronto do indivíduo com essa sociedade.

Dessa forma, a obra de cunho neo-realista, sendo um romance urbano, se distingue de outros autores que estavam engajados com as questões sociais do mundo rural.

O escritor Amando Fontes, não deixou de transparecer com reverência a temática que ainda retratada por outros, nenhum relatou o propício drama da prostituição tão bem demonstrado e sofrido que tem como se não bastasse o aliado sofrimento por ter trilhado o caminho de um cotidiano tão penoso.

Essa obra expressa a técnica naturalista à medida que as mostragem dos fatos ocorrem desde do passado narrado pelas personagens até o momento em que essas se encontram na condição de mulher cortesã. As minúcias em que detalhadamente o narrador, através do discurso direto dá voz às personagens, enfatizando criticamente o temperamento das mesmas sobre sua própria condição do que é ser mulher-dama. De modo geral, nessa narrativa o escritor focaliza não só o drama social urbano como também o mundo psicológico das personagens.

A descrição e o gosto pelo detalhe são marcantes no romance, principalmente entre as paisagens e as personagens femininas. Pois, no aspecto da paisagem, neste romance urbano, sobressai o modo como as descreve dá um ar de formosura e exaltação, como uma forma reservada para aliviar o leitor das tensões dos dramas humano.

Em relação à descrição das personagens é observável que no primeiro plano o narrador exhibe os aspectos físicos para depois defini o seu interior, pois se investiga, que o exterior ainda antes das ações e intenções define seus personagens.

Na intenção de mostrar o interior, o autor adverte sobre seus planos, embora primeiros lhes descrevem suas faces, corpos, gestos e voz. Há traços reveladores que acentuam virtudes ou defeitos, evidenciando o narrador-infiel conhecedor de seus conhecimentos psicológicos e demonstrador das fatalidades dos fatos, convencendo o leitor a compreender que as ações dos personagens são reais.

3- PROSTITUIÇÃO X SOCIEDADE

Nas décadas iniciais do séc. XX Aracaju passava por uma principiante urbanização. E de acordo com a conduta moral da época para que se concretizasse tal mudança era necessário estabelecer o remanejamento dos espaços destinados à classe pobre composta por: ambulantes, prostitutas e mendigos.

A conduta moral das mulheres é medida e controlada a partir de padrões estabelecidos. A sociedade ocupa-se em manter, os valores preconcebidos sobre as mulheres com o intuito de defender os padrões de comportamento.

As prostitutas não se enquadravam nas normas baseadas nos costumes das famílias, sobretudo da classe média e burguesa, que determinava o padrão comportamental da mulher, que deveria ser criada para se casar e cuidar do ambiente familiar. Como as prostitutas não se adequavam ao sistema, criam-se barreiras divisórias que delimitam, os espaços físicos que elas podiam morar.

Assim, fica explícito que a retirada das prostitutas do centro da cidade era vital para preservar a moralidade, pois os valores sociais não deveriam ser abalados. Era preciso afastar o meretrício símbolo de indecência da vista das moças e esposas, já que atacavam a ética familiar.

No romance, o sistema de controle a fim de vigiar o cotidiano das prostitutas era determinado pela polícia, ficando distante do centro da cidade. Esmeralda lê a notícia, publicada no Diário Oficial: “... Todas as mulheres de vida fácil que hoje residem nas Ruas de Arauá, Estância, Própria e Santa Luzia a se mudarem, no prazo improrrogável de oito dias, para a Rua do Siriri, no trecho compreendido entre as ruas de Laranjeira e Maroim”(sic)

(FONTES,1937, p.9). Neste contexto a expulsão para a periferia, causou sérios problemas para as mulheres.

Quanto ao baixo e alto meretrício, havia uma distinção de tratamento, pois as prostitutas do baixo meretrício eram perseguidas pela policia por não contarem com a proteção dos influentes da camada social, o que nitidamente pode ser observado:

As mulheres tinham sido obrigadas a mudar-se. O mesmo, entretanto, não se dera em relação ao Gato Preto. Permanecera em pleno funcionamento, naquele ponto bem central, onde as Ruas Arauá e Estância se cruzavam. Não sofrera a menor restrição, nenhuma modificação em seu sistema de funcionamento, pois continuou a ser ponto de reunião das prostitutas (...) As medidas policiais, na verdade, em nada o haviam atingido... (idem, p.26).

É destacável no romance, o tipo de clientela que freqüentava o alto meretrício, o cabaré do Gato Preto, em sua maioria tinha gente de todas as camadas sociais que ali comparecia seja: militares e estudantes; funcionários públicos e caixeiros; senhores de engenho; comerciantes; e a fina flor da boêmia da cidade.

Rosa prostituta recentemente vinda do interior comenta com Mariana sobre o Natal em Aracaju, deixa nítido o medo que tinha em se deparar com a policia: “... O pior de tudo nesses dias vem mesmo, é da policia. Fica que nem jararacuçu na toca. Por qualquer coisa leva a gente...” (idem, p.96).

No romance, os sinais de revolta contra o poder da policia é nitidamente explícito conforme a fala de Esmeralda:

A invenção dessa mudança vem prejudicar a todo o mundo! Essa gente da policia só nasceu pra aumentar as aflições de quem padece! Que mal faz que uma mulher receba um homem dentro de sua casa e vá com ele pra cama? As casadas daqui do lado, de defronte não fazem o mesmo com os que são maridos delas? (idem, p.97).

Madalena prostituta que conservava os princípios religiosos, sofre a ironia de uma beata: “Hoje é confissão geral. Você não vai? Para não responder, fingiu que não ouvira. Porém a beata insistiu. Como é? Não vai? Está na hora”.(idem, p.98). Nessa perspectiva a beata expressa a visão da igreja sobre o fenômeno da prostituição, já que a igreja mantinha uma rígida posição, sobretudo aos desvios do comportamento feminino.

Esses traçam no romance, retratam o perfil da mulher mundana em oposição ao da mulher honesta, casada, fiel e moças de família. Já que para a sociedade a prostituição simboliza a negação dos valores morais. Por isso que foi necessário restringir o espaço de tolerância vigiado pelas autoridades policiais para que não influenciassem principalmente a moças de classe pobre.

A religião reforça exclusão das meretrizes um exemplo nítido é a presença da beata no romance. Para os princípios religiosos as mulheres “desviadas” representam a vulgaridade, a desvalorização da alma e a supervalorização do corpo, cabendo a essas a desordem moral.

4- AS RELAÇÕES ENTRE AS PESONAGENS

Os diálogos das personagens do romance “Rua do Siriri” demonstram a visão delas sobre a vida no prostíbulo.

De acordo com o romance, as prostitutas são dominadas por uma visão bastante pessimista quanto ao modo de vida. Esmeralda, velha profissional numa prosa com Tita ainda inexperiente, declara: “... Direito de mulher–dama não passa de duas coisas: uma cama no hospital, quando a doença já é grave, e uma cova nos Cambuís no fim de tudo...” (FONTES, 1937, p.9).

As prostitutas consideravam-se inferiores as outras mulheres. Assim na visão delas, entrar para prostituição seria o mesmo de ir para a fila da morte, uma espécie de idealização negativa da vida. Já que essa profissão de risco era uma luta constante entre a sobrevivência e a perseguição da policia. Dessa forma a morte, por consequência da vida que levam, é algo presente no cotidiano.

As prostitutas utilizam para si mesma termos carregados de negatividade. Conforme Mariana: “Quem se mete nesta vida, tem de agüentar ainda dessas e piores (...) Longo eu, faço de tudo pra me esquecer da vida que levo e do que eu sou...” (idem, p.10).

Na visão das meretrizes a prostituição é um inferno, Mariana expressa isso claramente ao falar com Esmeralda: “Mulher é que tem o inferno aqui e é bem capaz de ainda ter um outro por lá...” (idem, p.89).

As denominações das meretrizes estavam muito ligadas aos valores sociais da época, desde no seu auto-reconhecimento como perdidas reforçando nelas próprias a aceitação do estigma, pois de acordo com os princípios da sociedade da época, uma moça que porventura errasse o caminho deveria ser punida para sempre. O que pode ser visto como as meretrizes encaram a venda dos seus corpos. Num momento em que se encontram em devida dificuldade financeira, Esmeralda assegura: “... Estou por tudo. Se for preciso sair aí afora, mercando meu corpo aos gritos, como moleque vendendo queimado pelas ruas, não tenham a menor dúvida que eu faço...” (idem, p.15). Tal atitude revela o sinal de revolta da meretriz devido à transferência das ruas centrais de Aracaju para ir morar na periferia, onde as faltas de fregueses levariam a viver da miséria.

Há uma nítida demonstração do que as prostitutas pensam sobre a sua condição, visto que Angelina prostituta que havia chegado de sua viagem ao Rio de Janeiro, numa prosa com Mariana, revela o nível de desprezo que sofriam as meretrizes: “Você não acha, minha nega, que eu fiz bem, me mudando daqui pro Rio? Lá, quando se tem sorte, como eu tive, sobe-se de verdade. No Aracaju, vamos ser francas, mulher-dama leva uma vida de cachorra...” (idem, p.104).

A comparação entra a vida das prostitutas cariocas e das de Aracaju na leitura da fala de Angelina deixa nítido suas conclusões sobre a vida miserável das mulheres do baixo

meretrício. Em último grau Angelina comenta sobre a vida das meretrizes do mangue: “No mangue não. Quem tiver um pingão assim de respeito por si mesma não ganha um frete pra remédio. Lá toda mulher é uma escrava, faz tudo que é porcaria que dá na veneta dos homens. Uma coisa horrível!...” (idem, p.107). Nesse contexto o uso do termo escravo transparece que as prostitutas do mangue se sujeitam a tudo que os fregueses exigiam, o que a diferenciava das que viviam em pensão como a de Mariana.

Para a prostituta Rosa, tudo que ocorreu após a entrada para a prostituição era produto de uma loucura pessoal ou de um “mau passo” como confessa a mesma: “O que eu fiz foi uma loucura, maluquice de moça quando encegueira por um homem...” (idem, p.87).

Um outro assunto, debatido entre elas, seria que prostitutas jamais poderia se apaixonar, as palavras são pronunciadas por Esmeralda a respeito da fragilidade de Tita em se apaixonar: “... Tita é culpada. Quando gosta de um homem, fica cega, não vê mais nada no mundo” (idem, p.84).

Porém, a vida do meretrício, também tinha seus momentos de alegria o que é importante observar para o equilíbrio das relações existente na prostituição, havia os momentos de interação social entre os encontros alegres, as brincadeiras, as danças, os jogos, as bebedeiras e etc. “Espalhavam-se pelo vasto salão atijolado, sentados em torno a mesas de pinho, onde ficavam bebericando (sic) cálices de conhaque ou repetindo corpo de cerveja... De vez em quando, ao som de um velho piano e de uma flauta, formavam-se os pares para as danças” (idem, p.27).

No final do romance, Mariana, numa prosa com Madalena, revela a sua opinião sobre o modo de vida que levam: “... Feliz de quem se livra desta vida. Nem que seja pra trabalhar do romper d’alva até a noite, nem que seja pra passar necessidade...” (idem, p.108).

As meretrizes reagem de formas diferentes em relação à visão negativa sobre elas, há aquelas que se denominam: desgraçada, perdida e louca. Embora não deixam de contrapor os maus tratos recebidos. Elas admitem que entram para a prostituição por um “mau passo”, mas conservam alguns costumes morais. Já outras que investem na melhoria dos seus serviços através dos cumprimentos de regras como, por exemplo, não ser orgulhosa, não se apaixonar pelos clientes e sempre estar pronta para atendê-los.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destinado a provocar a conscientização, tanto o romance neo-realista quanto o regionalista giram em torno do cotidiano. Por isso, as personagens na ficção estão em contínua desarmonia com as convenções sociais e as imposições da família. As personagens femininas do romance “Rua do Siriri” apresentam duas manifestações em relação ao aspecto crítico social.

O primeiro aspecto está na estrutura narrativa do romance, trata-se de uma obra narrada em terceira pessoa, em que o narrador através da técnica do discurso direto dá voz às personagens traduzindo o seu diálogo, de acordo com seu ponto de vista.

No segundo aspecto, refere-se à oposição indivíduo x sociedade, no romance as personagens femininas ora insurgem contra as imposições da sociedade, ora satisfazem essas mesmas convenções, quando cede aos desejos, a dominação masculina e quando expõe nitidamente seu modo de pensar em relação à condição que vive.

O regionalismo modernista de acordo com alguns teóricos passa a existir a partir do momento em que se aprofundam e se generalizam, a ponto de surgirem em zonas as mais diversas, manifestações culturais e sociais fiéis à realidade permitindo que as personagens

falem, na ficção, com sua linguagem coloquial e que suas respectivas regiões fossem caracterizadas de acordo com suas peculiaridades.

Obra madura apresentando um autor crítico, não só da sociedade como também da própria escola literária. Em muitos momentos da obra aparecem características que se aproximam das tendências realistas e naturalistas. Como o caso da visão crítica que as prostitutas demonstram sobre si e mediante as convenções sociais e a demonstração das fatalidades dos fatos.

Para realização destes aspectos, buscou-se primordialmente analisar as personagens no romance “Rua do Siriri” de Amando Fontes. Embora, essas personagens tenham caráter fictício, através delas a algo que representa artisticamente uma realidade, principalmente como se trata de um romance feito em técnicas neo-realista, naturalista, com um retrato de um meio regional que busca através de uma análise social ou de grupos marginalizados, valorizar o coletivo, já que nada é idealizado, apenas descreve ou exhibe.

Assim, o papel da personagem foi fundamental para desvendar os mistérios de uma narrativa. Pois, tais personagens não são apenas caricaturas, pode-se dizer que histórias de vidas que desvendam uma sociedade em uma determinada categoria, que não estão aí, só para mostrar a formação social diante de um mundo urbanizado e submisso ao capitalismo. Uma vez que estas não são melhores nem piores, são frutos do meio, meio este que exclui, determina e seleciona.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 33 ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 42. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

CÂNDIDO, Antônio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Décio de Almeida. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. 7 ed. São Paulo: Global, 2004.

DIVALTE, Garcia Figueira. **História**. Volume único. São Paulo: Ática, 2002.

FONTES, Amando. **Rua do Siriri**. São Paulo. Ediouro, 1937.

HILL, Telênia; CASTRO, Manuel Antônio de; ARAGÃO, Maria Lúcia. **Manual de teoria literária**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

MOISÉS, Massaud. **A análise literária**. 14. ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária: prosa I: formas em prosa, o conto, a novela, o romance**. 16. ed., rev. e atual. São Paulo: Cultrix, 1999.

MOISÉS, Massaud. **História da literatura brasileira: Realismo**, São Paulo: Cultrix, 1996.

MOISÉS, Massaud. **História da literatura brasileira: Modernismo**, São Paulo: Cultrix, 1996.

SANTOS, Antônio Raimundo dos. **Metodologia Científica: a construção do conhecimento**, Rio de Janeiro: Dp&a, 2002.

SANTOS, Lenalda Andrade; Oliva, Tereza Alves. **Para conhecer a História de Sergipe**. Aracaju: Opção Gráfica, 1998.